



Agricultura encantada tradicional do Povo Pankararu: “experiências de ATER na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra em Petrolândia – PE”

Traditional enchanted agriculture of the Pankararu People: “experiences of ATER in Aldeia Taboa at Sítio Brejinho da Serra in Petrolândia – PE”

ASSIS FILHO, Francisco Manoel de¹; SANTANA, Gildo Ribeiro de²; SILVA, Henágio José da³; SILVA, Ana Paula Gomes da⁴; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de⁵; LIRA, Wagner Lins⁶

¹ Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA), francisco.filho@ipa.br; ² Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA), gildo.ribeiro@ipa.br; ³ Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA), henagio.silva@ipa.br; ⁴ Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA), ana.paula@ipa.br; ⁵ Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), jorge.mattos@ufrpe.br; ⁶ Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), wagner.lira@ufrpe.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território.

Resumo: Este trabalho apresenta experiências de práticas adotadas na agricultura tradicional do Povo Pankararu da Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra, no Município de Petrolândia, em Pernambuco, Fruto dos saberes-fazeres tradicionais e observados pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) do Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA), Escritório Municipal de Petrolândia – PE, durante o ano de 2019. As visitas periódicas ao aldeamento tiveram como principais objetivos a assistência técnica e extensão rural específicas para indígenas e as trocas de saberes locais. Os resultados das visitas apontam a importância dos processos desse modelo de agricultura tradicional para o fortalecimento do território e a possibilidade de se implantar sistemas na mesma perspectiva em outras localidades do município na Microrregião do Sertão de Itaparica. Uma conclusão dedutível a partir desta experiência é a vital importância de valorizar e preservar os métodos agrícolas tradicionais. Esses métodos não apenas sustentam a cultura indígena, mas também fornecem entendimentos valiosos para promover o desenvolvimento sustentável.

Palavras-Chave: ancestralidade; territórios; agricultura tradicional; sistemas agroecológicos; saberes-fazeres.

Contexto

A conservação da biodiversidade dos ecossistemas no planeta tem sido apontada em estudos que está totalmente relacionada à presença e permanência de populações tradicionais nesses territórios. Em cerca de 87 países, populações se autodeclaram indígenas, representando um quarto da população do planeta terra, alocadas em dois terços das áreas mais remotas do globo terrestre e de menor índice da presença de humanos. As terras indígenas representam 40% das áreas destinadas à conservação ambiental no mundo (GARNETT et al., 2018; LANZA et al. 2022).

O conhecimento ancestral dos povos indígenas têm contribuído significativamente nas últimas décadas para os estudos de boas práticas de manejo na agricultura camponesa, afinal são séculos de construção de uma agricultura tradicional que respeita os atores territoriais, seja pertencente à fauna, flora, humanos, não



humanos e mais que humanos. Práticas de manejo essas, que trabalham de diferentes formas os recursos naturais, suas biodiversidades e paisagens (NODA; DO NASCIMENTO NODA, 2003).

A agroecologia como ciência bebe também da fonte do conhecimento dos modelos de agriculturas tradicionais indígenas na sua concepção e tem se firmado cada vez mais como norte para modelos mais sustentáveis de produção, de tecnologias adaptadas, espiritualidades, convívios sociais e movimentos. Sevilla Guzmán (2002), afirma que a agroecologia tem ainda a sua natureza pluri-epistemológica e que conta com uma metodologia substancial dialética, de modo que pretende compreender toda a complexidade de processos biológicos, socioeconômicos e políticos.

Também merece destaque a importância do repasse oral desse conhecimento ancestral para as próximas gerações, o que tem garantido há séculos a preservação desses territórios, identidades e culturas. A oralidade está intrinsecamente ligada às culturas dos povos indígenas nos seus cotidianos, influenciando na formação dessas identidades, e data de antes da escrita (TAVARES, 2022).

Em suas diretrizes a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PNATER (2004) traz no Art. 5º que são beneficiários desta política:

I - os assentados da reforma agrária, os povos indígenas, os remanescentes de quilombos e os demais povos e comunidades tradicionais.

O Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) foi fundado em 1935, como órgão estatal de Pernambuco responsável pela prestação de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), bem como, pesquisas agrônômicas e infraestrutura hídrica (2023). No que diz respeito ao atendimento em ATER ao povo da etnia Pankararu e demais públicos da agricultura familiar, no município de Petrolândia é realizado pelos extensionistas rurais do escritório municipal do IPA.

O presente relato tem como objetivo apontar a importância desse modelo de agricultura tradicional para o fortalecimento do território em questão, observado nas visitas de ATER pelo extensionista rural local do IPA – o autor -, realizadas na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra em Petrolândia – PE, Brasil, no ano de 2019, com indígenas da etnia Pankararu e a possibilidade de implantação de sistemas na mesma perspectiva em outras localidades da Microrregião do Sertão de Itaparica.

Descrição da Experiência

A etnia Pankararu tem seus territórios localizados nos municípios de Jatobá, Petrolândia e Tacaratu no Estado de Pernambuco, sendo eles a Terra Indígena Pankararu e a Terra Indígena Entre Serras, oficialmente demarcado e homologado, totalizando cerca de 14.294 hectares e uma população aproximada de 8.184 pessoas (SIASI/SESAI, 2014; BATALHA, 2017). Além das aldeias nos territórios mencionados, a etnia Pankararu tem aldeias em outros territórios próximos,



consideradas terras “primitivas da etnia”, principalmente às margens do Rio São Francisco, em que seus membros lutam por suas demarcações, a exemplo da Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra, município de Petrolândia (BATALHA, 2017). O Escritório Municipal do IPA presta ATER na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra em Petrolândia – PE, como está preconizado nas diretrizes da PNATER (2004) no Art. 5º.

No Planejamento Anual Municipal (PLAM) do IPA e em votação na assembleia do Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável de Petrolândia para o ano de 2019, foram previstas reuniões mensais na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra. A princípio, foi feito um Diagnóstico Rural Participativo (DRP) com a comunidade com o intuito de que o território, cultura e identidade, ficassem evidenciados e mais familiares ao extensionista e/ou participantes e, a partir disso, pudessem ser traçados métodos de ATER específicos para o grupo étnico.

Durante as reuniões mensais de ATER na Aldeia Taboa, ficaram evidentes práticas peculiares individuais e coletivas de manejo da agricultura tradicional do povo Pankararu. Podemos destacar a observação do calendário lunar, que, aliado com a permissão das entidades divinas, orienta a época propícia de plantio; a participação coletiva da comunidade; e a troca de mão de obra nas chamadas “roças” de cada família da aldeia, que envolvem pessoas de diferentes faixas etárias e gêneros. A oralidade dos anciãos e anciãs estimula as atividades desempenhadas no cotidiano, ensinando aos mais jovens a forma correta de como executar os trabalhos.

Resultados

Foram observados no DRP, bem como nas reuniões grupais e visitas individuais aos sócios da associação indígena Pankararu na Aldeia Taboa que o preparo do solo e plantio começa com as primeiras chuvas, que para a Microrregião do Sertão de Itaparica, onde está localizada a Aldeia Taboa, em anos regulares, ocorrem a partir do mês de dezembro. Ainda ocorre previamente a observação do calendário lunar e o pedido de permissão e bênção de divindades, para um bom plantio - Tupã, os Encantados de Luz, Deus, Nossa Senhora, São Pedro, São José, etc. Evidente também a influência nesse processo do Cristianismo para o grupo, além das crenças ancestrais. A prática de guardar sementes crioulas para os plantios seguintes é muito utilizada, principalmente em garrafas de vidros com cinzas e sua extremidade fechada com cera de abelhas. Segundo algumas pessoas mais velhas da aldeia, “as sementes certificadas, trazem consigo as pragas, doenças e a necessidade de adubação química e irrigação”.

A utilização de preparo manual da área e/ou com tração animal, evitando a compactação do solo, é uma prática quase que totalitária nesse território. As queimadas antes dos plantios não estão nas práticas utilizadas pelo povo Pankararu, pois segundo os mesmos é “algo que mata a vida da terra”.

A fim de deixar o solo descansado e adubado para outros anos, após notar que naquela safra houve redução de colheita, mesmo tendo sido um ano regular de



chuva, é feito o pousio da área no próximo ano, deixando as plantas do bioma local – Caatinga – se restabelecerem na mesma, além disso, pode ser colocado animais de médio porte – caprinos e ovinos - para pastejarem na área durante algum tempo, com intuito de que a enriqueçam com seus dejetos – adubação com esterco.

Vale salientar que existe um sentimento de dádiva e reciprocidade para o povo da etnia Pankararu no seu dia-a-dia, seja nos rituais étnicos, agricultura tradicional e demais atividades. Para eles/nós – me incluo, pois faço parte do povo Pankararu da Aldeia Taboa - o princípio de tudo está “na semente” e desencadeia toda ritualística do grupo, seja ela a semente humana, não humana e mais que humana, tendo tudo partido do mesmo princípio, “a semente”, logo, todos nós somos “parentes” e precisamos tratar com respeito qualquer que seja sua condição atual da matéria.

No **Quadro 1** temos um resumo do que ficou evidenciado nas práticas de manejo na agricultura tradicional Pankararu na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra.

Quadro 1 - Lista de Técnicas de manejo na agricultura tradicional de Pankararu na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra em Petrolândia – PE.

Técnicas de manejo na agricultura tradicional de Pankararu observadas na Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra em Petrolândia – PE.	
Manejo do Solo:	Não utilização de queimadas; pousio de áreas de plantios para regeneração e adubação; preparo manual da área e/ou com tração animal; não utilização de adubos químicos sintéticos.
Sementes:	Utilização de sementes crioulas - armazenadas em cinzas em garrafas de vidros com as extremidades tampadas com ceras de abelhas - e troca e/ou doação de sementes entre pessoas da etnia.
Mão-de-obra:	Troca de mão-de-obra nas atividades agrícolas e participação de pessoas de diferentes faixas etárias e gêneros; sempre respeitando as tradições/costumes/cultura passadas pelos anciões/anciães.
Plantio, manejo das culturas e colheita:	Plantio baseado no calendário lunar e pedido de permissão das divindades; partilha de saberes de quando plantar, cuidar e colher, passados pelos anciões e anciães na oralidade do dia-a-dia; partilha da colheita; dádiva e reciprocidade.

Fonte: Os autores (2023).

Devido à pandemia do Covid-19, os trabalhos presenciais de ATER pelo IPA na Aldeia Taboa foram paralisados durante dois anos. Neste ano estamos retomando as atividades, sendo prevista a produção de cartilhas com essas técnicas de manejo tradicionais Pankararu observadas em 2019, que deverão ser distribuídas em oficinas a serem realizadas na Aldeia Taboa e em outras localidades no município de Petrolândia.

Agradecimentos

Ao Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), em especial à equipe do Escritório Municipal de Petrolândia – PE. Ao povo Pankararu, em especial aos que residem na



Aldeia Taboa no Sítio Brejinho da Serra em Petrolândia – PE; À Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em especial ao Programa Profissional de Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (UFRPE/PPGADT).

Referências bibliográficas

BATALHA, Valmir dos Santos et al. **Os rituais Pankararu: memória e resistência**. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Saúde Indígena. **Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena - SIASI**. Brasília, DF: SESAI, 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PNATER**. Brasília, DF: MDA, 2004.

GARNETT, Stephen T. et al. A spatial overview of the global importance of Indigenous lands for conservation. **Nature Sustainability**, v. 1, n. 7, p. 369-374, 2018.

IPA. **Regimento Interno Instituto Agrônomo de Pernambuco**. Disponível em: <http://www.ipa.br/novo/pdf/regimento-interno-do-ipa-2018-rev.pdf>. Acesso em 13 de jul. 2023.

LANZA, Tomaz Ribeiro et al. AGRICULTURA TRADICIONAL AMAZÔNICA: SISTEMAS DE CULTIVO HUNI KUI DA TERRA INDÍGENA KAXINAWÁ DE NOVA OLINDA, ACRE, BRASIL. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 4, p. 33-49, 2022.

NODA, Hiroshi; DO NASCIMENTO NODA, Sandra, Agricultura familiar tradicional e conservação da sócio-biodiversidade amazônica, Interações: **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Vol. 4, N. 6, p. 55-66, Mar. 2003.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Agroecol. e Desenvol. Rural Sustent**, v. 3, p. 18-28, 2002.

TAVARES, Dailme Maria da Silva. História, cultura e oralidade na aldeia guajajara da cachoeira em Barra do Corda, Maranhão. **Revista Zabelê**, v. 3, n. 1, 2022.